

Artigo 1

A DOR OU TRISTEZA É ALIVIADA POR QUALQUER PRAZER?¹

QUANTO AO PRIMEIRO ARTIGO, ASSIM SE PROCEDE: parece que nem todo prazer alivia qualquer dor ou tristeza.

1. Com efeito, o prazer alivia a tristeza somente enquanto lhe é contrário; pois como diz o livro 11 da *Ética*: “Os remédios agem pelos contrários”. Ora, nem todo prazer é contrário a qualquer tristeza, como acima foi dito. Logo, nem todo prazer alivia qualquer tristeza.

2. Além disso, o que causa tristeza não alivia a tristeza. Ora, alguns prazeres causam tristeza, segundo o livro IX da *Ética*: “O mau se entristece porque se deleitou”. Logo, nem todo prazer alivia a tristeza.

3. Ademais, diz Agostinho que deixou sua pátria, onde costumava conviver com seu amigo, agora falecido, “porque seus olhos o procuravam menos, ali onde não tinham o costume de vê-lo”. Donde se pode deduzir que aquelas coisas nas quais nossos amigos, mortos ou ausentes, conviveram conosco, se nos tornam penosos agora que lamentamos sua morte ou sua ausência. Foi sobretudo no prazer que conviveram conosco. Logo, os prazeres se tornam penosos quando estamos aflitos. Portanto, nem todo prazer alivia qualquer tristeza.

EM SENTIDO CONTRÁRIO, diz o Filósofo no livro VII da *Ética*: “O prazer, se é forte, expulsa a tristeza, não só a que lhe é contrária, mas qualquer outra”.

RESPONDO. Como ficou claro do que foi dito, o prazer é um certo repouso do apetite no bem que lhe convém; e a tristeza deriva do que repugna ao apetite. Assim, o prazer está para a tristeza, nos movimentos apetitivos, como nos corpos o repouso está para a fadiga, que provém de alguma mudança não natural, pois a própria tristeza implica uma certa fadiga ou doença da potência apetitiva. Então, como qualquer repouso do corpo traz remédio a qualquer fadiga, provinda de qualquer causa não natural, assim também todo prazer é remédio que alivia qualquer tristeza, seja qual for sua origem.

QUANTO AO 1º, portanto, deve-se dizer que embora todo prazer não seja contrário a toda a tristeza segundo a espécie, é contrário segundo o gênero, como foi dito: E por isso, da parte da disposição do sujeito, qualquer tristeza pode ser aliviada por qualquer prazer.

¹ TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica*, vol. 3, Loyola, São Paulo 2009², pp. 456-458.

QUANTO AO 2º, deve-se dizer que os prazeres dos maus não causam tristeza no presente, mas no futuro: isto é, quando os maus se arrependem dos males em que tiveram alegria. Essa tristeza se alivia por prazeres contrários.

QUANTO AO 3º, deve-se dizer que quando duas causas inclinam a movimentos contrários, ambas se impedem mutuamente: vence aquela que é mais forte e mais duradoura. Quanto a quem se entristece com o que lhe costumava dar prazer na companhia do amigo agora morto ou ausente, aí se encontram duas causas que movem em sentido contrário. Pois o pensamento da morte ou da ausência do amigo inclina à dor; ao contrário, o bem presente inclina ao prazer. Assim cada uma das causas é diminuída pela outra. No entanto, porque o sentimento do presente é mais forte que a memória do passado, e o amor de si permanece mais duradouro que o amor do outro, daí que, finalmente, o prazer expulsa a tristeza. Por isso, Agostinho acrescenta pouco depois: “Sua dor cedia ao mesmo gênero de prazeres de outrora”.

QUADRO SINÓTICO DAS OBJEÇÕES E DAS RESPOSTAS A CADA UMA DELAS

1. Com efeito, o prazer alivia a tristeza somente enquanto lhe é contrário; pois como diz o livro 11 da *Ética*: “Os remédios agem pelos contrários”. Ora, nem todo prazer é contrário a qualquer tristeza, como acima foi dito. Logo, nem todo prazer alivia qualquer tristeza.

2. Além disso, o que causa tristeza não alivia a tristeza. Ora, alguns prazeres causam tristeza, segundo o livro IX da *Ética*: “O mau se entristece porque se deleitou”. Logo, nem todo prazer alivia a tristeza.

3. Ademais, diz Agostinho que deixou sua pátria, onde costumava conviver com seu amigo, agora falecido, “porque seus olhos o procuravam menos, ali onde não tinham o costume de vê-lo”. Donde se pode deduzir que aquelas coisas nas quais nossos amigos, mortos ou ausentes, conviveram conosco, se nos tornam penosos agora que lamentamos sua morte ou sua ausência. Foi sobretudo no prazer que conviveram conosco. Logo, os prazeres se tornam penosos quando estamos aflitos. Portanto, nem todo prazer alivia qualquer tristeza.

QUANTO AO 1º, portanto, deve-se dizer que embora todo prazer não seja contrário a toda a tristeza segundo a espécie, é contrário segundo o gênero, como foi dito: E por isso, da parte da disposição do sujeito, qualquer tristeza pode ser aliviada por qualquer prazer.

QUANTO AO 2º, deve-se dizer que os prazeres dos maus não causam tristeza no presente, mas no futuro: isto é, quando os maus se arrependem dos males em que tiveram alegria. Essa tristeza se alivia por prazeres contrários.

QUANTO AO 3º, deve-se dizer que quando duas causas inclinam a movimentos contrários, ambas se impedem mutuamente: vence aquela que é mais forte e mais duradoura. Quanto a quem se entristece com o que lhe costumava dar prazer na companhia do amigo agora morto ou ausente, aí se encontram duas causas que movem em sentido contrário. Pois o pensamento da morte ou da ausência do amigo inclina à dor; ao contrário, o bem presente inclina ao prazer. Assim cada uma das causas é diminuída pela outra. No entanto, porque o sentimento do presente é

mais forte que a memória do passado, e o amor de si permanece mais duradouro que o amor do outro, daí que, finalmente, o prazer expulsa a tristeza. Por isso, Agostinho acrescenta pouco depois: “Sua dor cedia ao mesmo gênero de prazeres de outrora”.